



Título	ATEC Academia de Formação	Data	Jul/Set 06
Fonte	FORMAR	Página	38 a 44



Academia de Formação

Para que o sistema de ensino e formação português seja competitivo para os jovens e as empresas, a cooperação deve ser a palavra de ordem entre as universidades e as escolas profissionais. É o que defendem Hans Muller e Ferdinand Scultz, os directores da ATEC – Academia de Formação, uma escola profissional focalizada na formação para o sector automóvel. Em entrevista à FORMAR, estes responsáveis consideram o curso técnico um “primeiro passo” indispensável para uma carreira profissional sustentável.

Quais são os cursos da ATEC mais procurados pelos jovens e empresas?

São essencialmente cursos sobre técnicas de automatização e de tudo o que gire à volta de tecnologias de informação, de cursos de mecatrónica e de manutenção industrial. Outro curso extremamente promissor, em termos de adesão de candidatos, é o curso de assistência de engenharia industrial.

Quando começámos a ministrar estes cursos os formandos não tinham uma ideia segura de qual seria o seu futuro e as empresas também exprimiam uma série de dúvidas. Agora, verificamos com agrado que as empresas estão a absorver estes formandos porque perceberam que passam a dispor de pessoas portadoras de *know-how* que lhes permitem melhorar a produ-

tividade. A engenharia industrial impor-se-á brevemente como uma área altamente atractiva para jovens e empresas.

De referir, contudo, que por vezes podemos deparar-nos com cursos que são cada vez mais interessantes aos olhos das empresas mas que, curiosamente, muitos jovens formandos não apreciam, nomeadamente os cursos sobre o CNC. Nem sempre os interesses

Universidades e escolas profissionais devem cooperar



Título	ATEC Academia de Formação	Data	Jul/Set 06
Fonte	FORMAR	Página	38 a 44

ATEC

das empresas e os dos jovens coincidem num primeiro tempo, o que constitui sempre um desafio interessante para ser ultrapassado pelo conjunto de colaboradores que constituem a nossa Academia.

Existe ainda uma ideia corrente de que os cursos técnicos são os parentes pobres do ensino superior. Como se poderão aliciar os jovens para a formação técnica?

Temos falado com muitas pessoas esclarecidas e sobre isto não parece haver dúvidas: essa atitude contra os cursos técnicos instalou-se há cerca de 30 anos, depois da Revolução, associada ao aparecimento e à proliferação de estabelecimentos de ensino e de cursos vulgarmente designados por “Cursos de Papel e Lápis”. Para mudar essa atitude, além de muita persistência e divulgação da informação pertinente, também teríamos que corrigir as mentalidades de muitos pais e professores, porque está instalada uma certa maneira de pensar segundo a qual os mais inteligentes vão para a universidade, os “assim-assim” vão receber uma formação profissional e os menos inteligentes são os primeiros a começar a trabalhar.

Além disso, também revelam um desconhecimento quase absoluto do que é ser formado, durante três anos, num curso de mecatrónica, por exemplo. Não imaginam a que níveis estas pessoas trabalham, com uma complexidade quase semelhante à da engenharia. E, por vezes, em termos técnico-práticos, os formandos têm conhecimentos mais sólidos do que os engenheiros que saem das universidades.

Porquê?

Porque estas formações, ao contrário do que por vezes acontece nas universidades, constituem um pri-

Uma Escola de Prática

A ATEC – Academia de Formação – nasceu de uma parceria entre a Volkswagen Autoeuropa, a Siemens, a Bosch-Vulcano e a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã, com o objectivo de qualificar colaboradores das empresas associadas, jovens à procura do primeiro emprego e trabalhadores desempregados e proporcionar estágios profissionais a recém-licenciados. Segundo o último relatório divulgado, de 2004, decorreram 23 turmas de formação inicial, com 380 formandos. Os cursos são organizados na base de um acordo com o IEFP, através de um plano de formação anual. Os dois primeiros cursos da ATEC são as especializações de nível IV em “Automação, Robótica e Controlo Industrial” e em “Gestão de Redes”, que iniciaram em Fevereiro de 2004, nas instalações da fábrica da Siemens em Corroios. A metodologia de intervenção da ATEC passa pela formação profissional desenvolvida em regime de alternância (sistema dual), com aquisição de conhecimentos práticos em postos de trabalho nas empresas que irão cooperar neste projecto. O desenvolvimento de competências práticas é acompanhado de uma intervenção no sentido de uma postura moderna dos profissionais, para uma integração mais eficaz nas modernas estruturas de produção e de trabalho.



Título	ATEC Academia de Formação	Data	Jul/Set 06
Fonte	FORMAR	Página	38 a 44



meio passo para uma carreira profissional que tanto pode levar os formandos para posições técnicas como para posições de gestão, dependendo das oportunidades com que cada um se depara e, também, das suas capacidades individuais.

Por vezes, muitos engenheiros licenciados, não só em Portugal mas também na Alemanha, que não têm estas bases apresentam uma dificuldade manifesta nessa progressão profissional. Como não foram “formados” a acompanhar o dia-a-dia de uma organização (por dentro), não sabem com precisão o que se passa numa fábrica, o que os seus trabalhadores sabem nem o que devem saber. Esses mesmos licenciados quando vão bater à porta das empresas à procura de emprego e lhes perguntam “Vocês sabem como é que nós funcionamos?” ficam sem resposta. Isto é um grande problema para muitas empresas, e um problema que importa resolver, começando por operar mudanças ao nível das mentalidades.

Em contraste, muitos dos nossos formandos, apenas com os conhecimentos básicos, já estão preparados para ocupar importantes cargos intermédios relevantes numa empresa porque “sabem como se faz e sabem fazer”. Se observar o caso da Autoeuropa, encontrará muitas pessoas com este *know-how* básico mas sólido que, passo a passo, lhes permite progredir na carreira.

Mas se as universidades não têm a mesma capacidade de formar profissionais que as escolas técnicas, então para que servem?

Não é bem assim. Para que não subsistam dúvidas, devemos recolocar a questão: a nosso ver, a competência nuclear das universidades não deverá ser a formação profissional, mas a investigação e o desenvolvimento. A preparação para a integração de profissionais no mercado de trabalho deveria privilegiar outras fontes, como as escolas profissionais e o ensino politécnico,



Título	ATEC Academia de Formação	Data	Jul/Set 06
Fonte	FORMAR	Página	38 a 44

ATEC

actuando em perfeita articulação com o mundo empresarial com a celebração de protocolos e acordos de cooperação. Na verdade, o sistema educativo português deveria assentar numa clara e harmoniosa divisão de tarefas, por sua vez alicerçada numa lógica de cooperação entre três pilares fundamentais.

Todavia, é importante referir que já se está a verificar uma significativa alteração ao nível do papel e da relevância dos cursos técnicos nas universidades, verificando-se que, ano após ano, estão a ser suprimidos cursos que não se inserem propriamente na área técnica. Além disso, os estudantes percebem cada vez mais quais são as faculdades que proporcionam mais emprego e que merecem um investimento em tempo e dinheiro. Com efeito, a competição entre universidades pelos jovens à procura de um emprego no futuro será ser cada vez mais agressiva.

Mas voltando à questão da sincronização entre o sistema de ensino técnico e o geral, qual é a vossa sugestão para um funcionamento mais eficaz?

Primeiro, as escolas do ensino básico e secundário deverão estar centradas na provisão de conhecimento nas áreas básicas. Segundo, as escolas profissionais e o ensino politécnico deverão estar orientados sobretudo para o mercado de trabalho. E, terceiro, as universidades centrar-se-ão mais na atribuição de graus académicos e na investigação.

Ora, o que vemos é que nem as escolas profissionais nem as universidades estão focadas nas suas competências nucleares. O que vemos é que ainda há escolas a ministrar formação profissional sem disporem de laboratórios, sem *know-how* e sem empresas parceiras, e vemos as universidades a entregarem diplomas de

“A cooperação com o IEFP é excelente”

Quais são os principais objectivos da ATEC?

Os nossos objectivos prendem-se com o máximo aproveitamento das vantagens de que a ATEC dispõe, que consideramos únicas, para podermos potenciar benefícios às empresas que trabalham connosco, à formação dos jovens e, por extensão, ao próprio país. Essas vantagens decorrem da qualidade das empresas promotoras, nomeadamente a Volkswagen Autoeuropa, a Siemens, a Bosch-Vulcano e a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã, graças às quais mantemos um elevado nível de actualização e de inovação em termos de equipamento e conhecimento. Estas empresas multinacionais que desde há duas décadas possuíam as suas próprias estruturas independentes de formação profissional resolveram em 2001 apresentar uma proposta ao Governo português para a criação de uma única entidade que, além dos seus interesses privados, pudesse assumir uma utilidade pública visível e relevante. Daí, após uma longa preparação e discussão de ideias e objectivos com várias entidades e organismos, surgiu a ATEC, que começou a funcionar no início de 2004 em parceria com o IEFP.

Em que medida consideram que esta cooperação com o IEFP tem ajudado a cumprir os objectivos da ATEC?

Antes de mais é importante realçar o papel do IEFP no processo de criação da ATEC, no qual foi parte integrante. Tal como os demais parceiros, entendeu que era importante implantar uma infra-estrutura deste tipo e que esta parceria entre grandes empresas internacionais e o Estado português constituiria, certamente, uma excelente oportunidade de cooperação. Sem o apoio com que o IEFP nos tem honrado, a ATEC não poderia assumir o papel que hoje assume no sistema de formação e educação regional. Embora os formandos da ATEC sejam de proveniências diversificadas, ainda não queremos dizer que temos âmbito nacional porque apenas abarcamos uma parte do país, mas talvez já possamos ser apontados como um exemplo para o resto do país. Neste plano, a ATEC pode ser entendida como mais um dos vários centros de formação do IEFP. No entanto, por força das metodologias inovadoras que pretendemos implementar e de alguma forma transpor para Portugal, queremos marcar uma certa diferença que nos possa tornar uma referência na área da formação profissional. Por isso, para nós é importante que, como temos sentido até aqui, o IEFP continue aberto a sugestões, inovações, novas ideias. Nunca nos sentimos bloqueados. O IEFP tem estado sempre aberto à discussão de novos métodos e metodologias, aspecto que consideramos extremamente importante para o sistema de formação profissional e que torna a nossa cooperação um excelente exemplo de parceria público-privada.



Título	ATEC Academia de Formação	Data	Jul/Set 06
Fonte	FORMAR	Página	38 a 44

ATEC

aptidão profissional sem prepararem os estudantes profissionalmente. Esta situação torna o nosso trabalho mais difícil porque há escolas que nos vêm dizer: “Vocês estão a competir connosco.” “De forma alguma”, respondemos nós, acontece é que dispomos das condições técnicas adequadas que permitem aos candidatos fazerem uma opção qualitativa esclarecida.

E a ATEC tem dado o exemplo para esse sistema educativo “harmonioso”, de que falamos, cooperando também com as universidades?

Nem podíamos deixar de fazê-lo! Insistimos: o caminho não é a competição entre universidade e escolas profissionais, mas a cooperação entre ambas. A ATEC, por exemplo, já tem estabelecidas várias parcerias com universidades e institutos politécnicos, designadamente para o desenvolvimento de Cursos de Especialização Tecnológica (CET), pelos quais os nossos formandos ficam com um certo número de créditos, reconhecidos protocolarmente caso a caso, que relevam para a prossecução de estudos superiores caso assim o decidam após o CET. Por outro lado, e ao abri-

go desses protocolos, estamos também a ministrar cursos para finalistas universitários, dando-lhes uma formação suplementar de um ano para proporcionar que mais facilmente se integrem no mercado de trabalho. É uma combinação de estágio com formação e orientação. Outro exemplo são os cursos de dois meses que criámos para jovens engenheiros, formados no âmbito do ensino politécnico, nas áreas de automatização, electrónica para viaturas e mecatrónica. Estes cursos têm tido um enorme sucesso porque os alunos/formandos trazem uma boa base teórica, bastando complementá-la com uma adequada componente prática nos nossos laboratórios. Como pode ver, temos todo o interesse em cooperar com as universidades.

É nessa filosofia de complementaridade que consideramos vantajosa a formação em alternância?

Sim. Neste tipo de ensino existe um elo claro entre a teoria ensinada nas salas e a prática no local de trabalho. E as pessoas ficam a saber porque é que estão a aprender esta ou aquela teoria. Os jovens, sobretudo, têm problemas de motivação na aprendizagem teórica

“PME devem ser mais activas na formação”

Qual é o balanço que faz da actividade da ATEC nos últimos anos?

Seirmos como parte dos nossos objectivos principais a penetração no mercado, podemos dizer que o conseguimos plenamente. Quando iniciámos as nossas actividades, todo o nosso esforço de formação estava virado para os jovens mas rapidamente vimos que podíamos alargar a nossa intervenção no mercado proporcionando a nossa formação também às empresas. Assim, procurámos parcerias com outras

empresas para que estas fossem também nossos clientes.

No que respeita à execução de acções de formação profissional, quando começámos tínhamos uma estimativa para cerca de 400 formandos, no entanto em Dezembro de 2005 conseguimos dar resposta a um conjunto de necessidades que se traduziu num pico de 585. Por outro lado, se considerarmos a adequação da nossa formação, pensamos que também esta tem correspondido às nossas expectativas. Neste aspecto, a questão mais crucial é saber se os jovens conseguem um emprego no final dos cursos de formação. Sobre isto po-

demos dizer que estamos no bom caminho para superar os 80% de empregabilidade previstos para a avaliação dos cursos de formação dual. Por outro lado, temos conhecimento que muitos dos formandos, sobretudo nos cursos de nível IV, se estão a adaptar facilmente como quadros intermédios em pequenas e médias empresas. Estes aspectos são extremamente importantes não só para as empresas mas também para os pais – saber se querem realmente abrir um caminho para um bom futuro para os seus filhos, pois, como se sabe, o mercado não absorve todas as pessoas.



Título	ATEC Academia de Formação	Data	Jul/Set 06
Fonte	FORMAR	Página	38 a 44

ATEC

por não perceberem qual é a aplicabilidade dos conceitos que estão a aprender. Mas depois de perceberem, além de ficarem mais motivados, ficam também melhor preparados para assumirem um papel de responsabilidade numa empresa, o que inclui a apreciação pormenorizada de qual é a cultura da própria empresa e o seu modelo de funcionamento.

Na Alemanha, esta metodologia tem sido um êxito e, por isso, tentamos orientar os nossos formandos neste sentido. Eles entram nas nossas instalações às 8 horas e saem às 16 horas. Ou seja, estão aqui como se estivessem no trabalho, com todas as condições. E quando terminam os cursos estão quase completamente preparados para o exercício das suas profissões. Nas empresas, aquando da formação prática em contexto de trabalho, eles são integrados nos processos e nas funções do que serão os seus futuros empregos. Esta é a melhor maneira de integrar o que temos produzido no mercado de trabalho.

Em 2007 terá início a aplicação do QREN (nova designação dos Quadros Comunitários de Apoio), onde 60 por



cento dos fundos serão obrigatoriamente canalizados para capital humano e inovação. Como pensam que se poderão aplicar mais eficazmente esses fundos em Portugal?

Se for consultar as estatísticas europeias, verá que em Portugal tem, em média, formação para jovens que anda à volta de 150 dias de aprendizagem, o que significa muita formação de curta duração. Nos outros países anda à volta de 1200 dias ou mais. Mais de três anos,

Que tipo de resistências face aos vossos métodos de formação têm encontrado no mercado português?

Nessa questão devemos ter em conta a dimensão das empresas. Se estivermos a falar de empresas pequenas, estas têm uma atitude completamente diferente em comparação com as de maior dimensão. Sendo normalmente empresas familiares, o director, que simultaneamente é o membro da família que criou a empresa, tenderá a pensar que terá bons resultados gerindo a empresa sem apoio das novas metodologias de formação. No entanto, o facto de essas empresas nos procurarem ou respon-

derem afirmativamente aos nossos desafios é um sinal de que desejam mudar alguma coisa. Em geral, estas empresas estão habituadas a uma situação em que o Estado, sob patrocínio do IEFP, por exemplo, produza os potenciais empregados onde elas possam depois escolher. Só que nem sempre encontram as pessoas certas. Por esse facto entendemos que as PME devam ser mais proactivas neste processo.

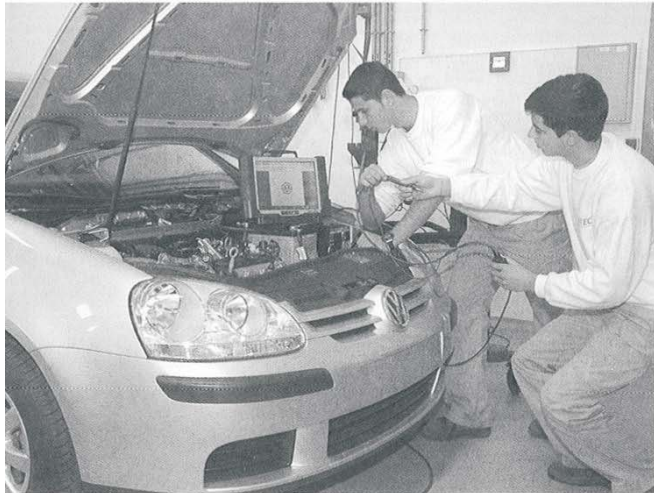
Falamos das pequenas e médias empresas porque com as grandes, como é o caso dos nossos promotores, não temos esse problema. Sabemos muito bem do que precisam a Volkswagen Autoeuropa, a Siemens

ou a Bosch-Vulcano, por exemplo, empresas de grande dimensão e internacionalizadas. Em boa verdade, nós gostaríamos de integrar as pequenas empresas muito mais cedo no processo da formação profissional e de escolher em conjunto com elas os formandos, seus futuros colaboradores. Actualmente, na maioria dos casos existe apenas a situação de elas estarem interessadas nos nossos formandos. Mas o que gostaríamos era de ter uma verdadeira cooperação entre nós e as empresas, especialmente as mais pequenas, para melhor entendermos o perfil profissional dos empregados que necessitam.



Título	ATEC Academia de Formação	Data	Jul/Set 06
Fonte	FORMAR	Página	38 a 44

ATEC



portanto. Pensamos que é importante ter mais destes cursos de longa duração porque são estes que permitem a obtenção de qualificações reais e sólidas.

As escolas deveriam ser dotadas de instrumentos que lhes permitissem proporcionar que todos os jovens, desde o 9.º ano, por exemplo, fizessem estágios em organismos ou empresas para começarem a ter uma ideia daquilo que querem fazer no futuro. A cooperação entre escolas e organizações devia ser desenvolvida e os fundos estruturais também deviam poder abarcar estas actividades. Por outro lado, também seria importante existirem mais intercâmbios no espaço europeu. A ATEC já está a desenvolver algumas iniciativas neste domínio, mas entendemos que esta forma de cooperação ou intercâmbio devia ser mais incrementada e apoiada. Neste momento temos na ATEC, por exemplo, um grupo de formandos de Hannover que irá ficar aqui quatro meses a trabalhar em projecto, juntamente com os nossos formandos portugueses. Na Primavera de 2007 será a vez de os nossos formandos irem para a Alemanha, para a fábrica da Volkswagen em Hannover, para aí desenvolverem actividades semelhantes. O que

aqui acontece, além de uma transferência de conhecimentos, é uma formação intercultural e ainda uma formação linguística porque os jovens têm de comunicar: portugueses tentam falar alemão, alemães tentam falar português, sendo que a língua de base é o inglês.

Em terceiro lugar, há que ter sempre presente a razão para a qual os fundos estruturais foram criados: para a coesão. Nesse sentido, consideramos, por exemplo, que devia ser ponderada a melhor forma de apoiar as famílias mais carenciadas em termos de atribuição de bolsas de formação, com um mínimo de substância, aos elementos que frequentem acções de formação.

Por fim, caberá às empresas e às instituições – como os municípios, por exemplo – a tarefa de reflectirem um pouco mais sobre possíveis projectos inovadores que ajudem no desenvolvimento das comunidades. Assim poderão surgir boas propostas de projectos, tal como pensamos ter sido esta nossa parceria com o IIEFP. Enquanto Academia de Formação Profissional, sabemos que mais cinco ou dez ATEC não serão suficientes para ultrapassar as necessidades do mercado português. Há necessidade de que, decididamente, seja feita uma aposta na canalização desses fundos para que seja criado e transmitido *know-how* para onde os sectores económicos portugueses mais precisam.

PEDRO FILIPE SANTOS
Jornalista e historiador

RUBEN EIRAS
Investigador universitário na área de Capital Intelectual.
Autor do blog <http://capitalintelectual.wordpress.com>